

# RESURGIMENTO

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84  
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão  
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse**A' MARGEM**

UM AMIGO MEU, conhecendo a campanha que temos feito sobre a nossa música regional, entregou-me há dias um jornal de província, apontando-me o final dum artigo, que ocupava meia página, inserto nesse mesmo jornal. Esses últimos parágrafos mostravam já a mentalidade do autor do artigo — *Alberto Pacheco* se chama, e *O Povo de Ovar* o jornal citado — se ao analisarmos o artigo lhe não notassemos o complemento e comprovamento dessa mesma mentalidade. Nos últimos períodos refere-se aos *cantos regionais* e ao *fado*.



AFIRMA SOBRE AQUELES que o nosso povo não sabe cantar nem tem disposição para isso; «canta em conjunto, mas ao acaso e quando calha, desorganizadamente...» Para concluir que só o fado se salva, aquêles que mais «nos encanta, nos enternece, nos empolga e nos fala ao coração» — o fado — *tam rico em expressões variadas!* Mas como nos diz que o fado lhe dará assunto para outro artigo, esperemos por êle... e passemos adiante.



NISTO SE FIRMA já a mentalidade de muita gente portuguesa — a opinião sobre o fado.

Mas isto era o final do artigo pois nêle se tratava na generalidade do *canto coral* — era assim que se intitulava. Principiando por dizer que as *multidões, cullas ou ignaras, serão sempre sensíveis à música bonita, à música alegre; lançando um olhar introspectivo para o passado, fala-nos da Grécia, elevando-lhe um hino só para poder dizer que durante a Idade Média — a época mais tenebrosa da História da Humanidade se abate o indivíduo, e nos séculos XVII e XVIII, dominados pelo jesuitismo, se degrada o indivíduo!*



NA MÚSICA, NAS ARTES, nas letras — cantos religiosos, as catedrais góticas, as Universidades — tudo o que de mais superior, espiritual, existe no homem, nasceu na Idade Média.

— A Idade Média, a negra noite... Por isso este e outros mitos que o século liberal inventou, desacreditados há muito, ainda hoje numa inconsciência e ignorância se repelem como um eco e encontram mentalidades várias prontas ainda a te-

**Temas actualizados**

ARRUMADO já no museu dos preconceitos políticos, o princípio da igualdade democrática não merece um instante de reflexão, tam notória é a sua vacuidade.

O trabalho de dissecação feito por doutrinadores penetrantes sobre o significado dêste tema, torna fastidiosas e supérfluas quaisquer palavras a mais à volta da igualdade democrática.

Depois da análise mental a própria experiência dos povos incumbiu-se da destruição dêste pretenso dogma.

E', portanto, desafôro da nossa parte abordar, nesta hora adiantada de revisão política, assunto tam gasto e carcomido.

No entanto, alguns elementos que para aí se exibem e vangloriam, à sombra do credo nacionalista, mas ainda amarrados a frescas afirmações ressumantes de «fé liberal», tornam oportuna, sempre que vem a talhe de foice, a demarcação de doutrina.

Foi, porém, a leitura recente da análise incisiva que Carrel faz ao princípio da igualdade democrática no seu célebre livro *L'Homme, Cet Inconnu*, que nos animou a tratar dêste assunto, seguindo o pensamento, claro e firme, daquele sábio.

Carrel espanta-se do longo êxito da falsidade da igualdade democrática, chégando, até, a afirmar que, nem perante a lei os homens devem ser iguais. A igualdade de direitos é uma ilusão. O fraco de espírito e o homem de génio não devem ser iguais perante a lei. A'parte isto, o princípio democrático contribuiu para o aniquilamento da civilização, impedindo a formação de élites. A escassez de dirigentes com que actualmente se luta é uma das mais ruinosas conseqüências da democracia. Antes de mais nada demonstremos a verdade desta asserção.

As desigualdades individuais têm de ser respeitadas.

Há, na sociedade moderna, funções apropriadas aos grandes, aos pequenos, aos médios e aos inferiores. Não é, porém, viável pretender formar os indivíduos superiores pelos mesmos processos que os inferiores. O nivelamento dos seres humanos, segundo o ideal democrático, apenas favoreceu os fracos. Como era impossível elevar os inferiores, o único meio de produzir a igualdade entre os homens cifrou-se em conduzi-los ao mais baixo nível.

Assim desapareceu a fôrça da personalidade.

Todos os sistemas que visam a organizar a paz e a ordem neste mundo convulsionado têm de colocar o respeito pela personalidade a par dos seus princípios fundamentais.

Cada indivíduo tem de ser utilizado segundo os seus caracteres próprios. Tentando estabelecer a igualdade entre os homens, afirma Carrel, nós suprimimos as particularidades individuais.

A felicidade de cada um depende da sua adaptação ao seu género de trabalho. Em vez da unificação dos tipos humanos impõe-se o desenvolvimento das suas particularidades, pela educação e hábitos de vida.

Em lugar de conhecer esta verdade a civilização industrial comprimiu os seres humanos em quatro classes: os ricos, os operários, os lavradores e a classe média. Dentro desta última categoria encontramos inúmeros tipos humanos que apenas se aproximam em conseqüência da sua situação financeira, pois as suas personalidades são muito díspares. A dureza da existência tolhe, dentre êles, os que são capazes de elevação, que tentam o desenvolvimento das potencialidades mentais. Não somente a materialidade da nossa civilização se opõe aos apelos da inteligência, mas esmaga os de sensibilidade delicada, aquêles que amam a beleza.

O ideal democrático, de que a nossa sociedade, apesar de tudo,

**A' MARGEM**

rem o arrojo de repeti-los em público. Enquanto assim existir este estado de cousas — a imprensa a alavanca do progresso!!! — como será possível educar o nosso povo?



FELIZMENTE QUE PARA COMPENSAR acabamos de receber do artista e poeta Vergílio Amaral, o seu livro de versos *Fiado da Minha Roca*, cantares de sabor regional, que vamos ler e analisar.

Com êle recebemos também a *Revista de Guimarães*, com esplêndida colaboração sobre arte, arqueologia e folclore, edição da Sociedade Martins Sarmiento; os poemas de Artur Tojal — *Arrancada Heróica* — inspirados na luta espanhola; *Novos de Portugal*, revista da juventude; *Der Feuerreiter*, com uma dupla página dedicada a Portugal com muitas fotografias, uma delas mostrando dezenas de pedreiros tendo como fundo a capela de S. Miguel e o Castelo de Guimarães, dizendo a sua legenda ser uma foto-símbolo da preparação das festas e do ressurgimento do País.



«BROTÉRIA» E «OCIDENTE» continuam, regularmente, a aparecer e a deleitar os seus leitores. Pela posição intelectual que marcam são sem dúvidas as duas melhores revistas de Portugal.

**Visado pela****Comissão de Censura**

ainda está muito imbuída, nivela, razoira e destrói as possibilidades de formação das élites.

Os seus processos pedagógicos chegam ao absurdo de desprezar as diferenças dos sexos, para aceitar e advogar a coeducação.

A igualdade democrática viola as leis naturais.

Felizmente que, após denso nevoeiro, a luz da verdade já ilumina a estradada salvação.

# D A C I D A D E

## VIDA CATÓLICA

### Domingo de Ramos

**Evangelho** — (Mat., XXI, 1-9). — Como se aproximaram de Jerusalem, e chegaram a Bethphagé, ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: «Ide a essa aldeia que está defronte de vós, e logo achareis presa uma jumenta e um jumentinho com ela. Desprendei-os, e trazei-os. E, se alguém vos disser alguma cousa, respondei-lhe que o Senhor há mister deles; e logo vo-los deixará trazer». Tudo isto succedeu, para que se cumprisse o que tinha sido anunciado pelo Profeta: «Dizei à filha de Sião: Eis aí o teu Rei, que vem a ti cheio de doçura, montado numa jumenta e num jumentinho, filho do que está debaixo do jugo». E os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara. E trouxeram a jumenta e o jumentinho, e cobriram-nos com os seus vestidos, e fizeram-no montar em cima. Então, da gente do povo, que era muita, uns estendiam no caminho os seus vestidos, e outros cortavam ramos de árvores e juncavam com elles a passagem; e tanto as gentes que iam adiante, como as que iam atrás, gritavam: «Hossana ao Filho de David! Bemdito o que vem em nome do Senhor! Hossana nas maiores alturas!»

**Homília.** — Tudo são mistérios na vida inefável do Salvador; mas nada aconteceu que não estivesse decretado pela eterna sabedoria, e em todos estes acontecimentos encontramos um grande e fecundo assunto de reflexão.

A entrada triunfante em Jerusalem mostra-nos dum lado a majestade e bondade do Salvador e de outro os sentimentos dos judeus... Aprendamos daqui a maneira de receber Jesus porque elle também deseja entrar nas nossas almas.

Está no seu termo a missão de Jesus sobre a terra. Há tres anos que elle percorre a Palestina, fazendo milagres de toda a espécie, multiplicando os seus benefícios que são tantos como as passadas que dá. E'

para afirmar categoricamente e fazer reconhecer a sua realza e a sua missão divina, mostrar que é o verdadeiro Filho de David, o Messias prometido, anunciado pelos Profetas e esperado no decorrer dos séculos. Para mostrar a alegria e o amor com que se oferecia à morte para remir os homens.

Veio à terra para ser vítima de seu Pai, a vítima Santa por Excelência, o verdadeiro Cordeiro Pascal, cujo sangue deve ser o alimento do seu povo.

Apróxima-se a Páscoa e é necessário que a vítima seja conduzida solemnemente ao templo antes de ser imolada.

Para provar que não será pôsto à morte senão quando vier a sua hora, segnndo os decretos divinos e a sua vontade, para afirmar desta maneira a sua soberana independência que de tudo triunfa, reduz ao silêncio a malícia dos seus inimigos, e não receia nem Herodes, nem Pilatos, nem Caifás.

Jesus infinitamente sábio, poderoso e bom, encontrou um meio de ficar entre nós para nos consolar, nos fortificar, nos cumular de graças e reinar sobre nós.

Há inimigos figadais que renegaram a Jesus, e fazem, tanto a elle como à sua Igreja, uma guerra contínua, ao mesmo tempo declarada e secreta. Há perseguidores, blasfemos, sacrilegos... homens como Caifás e como Judas! E' verdade que um grande número de cristãos ouvem o apêlo do Divino Mestre e da sua Igreja, vêm confessar-se e comungar pela Páscoa. Quantos vão comungar esta semana e passados dias caem nas mesmas faltas e portanto crucificam de novo o Senhor?

Pois, bem, meus irmãos, em que disposições estais? Quereis receber Jesus? E como?

Excitai em vós verdadeiros sentimentos de fé, reconhecimento e amor.

Para bem o acolherdes, *despojai-vos do velho homem*, destruí vossas paixões, oferecei-lhe as palmas das boas obras. Depois tende todo o cuidado de lhe ficardes fiéis para que elle reine neste mundo e vós com elle reinéis no outro. Amen.

### Associação F. F. Operários Vimaraneses (Socorros Mútuos)

No passado dia 1 do corrente, reuniu a direcção da Associação Funebre F. Op. Vimaraneses, sob a presidência do sr. presidente, secretariado pelo secretário, e estando presentes o sr. tesoureiro, directores e membros do conselho fiscal.

A sessão foi pelo sr. presidente aberta às 21 horas, sendo a acta lida pelo cartório que foi aprovada e assinada.

Presente o requerimento de tutelação n.º 195, que ficou pendente para averiguações. Igualmente foram presentes os requerimentos n.ºs 193 e 194, com as informações colhidas, sendo deferidos por se encontrarem nas condições regulamentares.

Presente uma petição do sócio n.º 9,828, sendo resolvido incluí-la na ordem do dia da próxima assembleia geral.

Foi também presente um officio do sócio

### PELO LICEU

Realizou-se no dia 2 do corrente, no Liceu Martins Sarmiento, o peditório a favor das crianças finlandesas.

Contribuíram com donativos todos os professores, empregados e alunos.

Apurou-se a importância de 337\$80.

n.º 4.827, sendo resolvido que a sua petição seja atendida só no fim do corrente ano.

Presentes os livros e todos os documentos referentes ao movimento de Fevereiro, verificando-se que a caixa acusa um saldo de 1.892\$00, pelo que foram as contas aprovadas, bem como foi autorizada a inscrição de 69 novos sócios.

Como nada mais houvesse a tratar o sr. presidente encerrou a sessão às 22 horas.

## NOTICIÁRIO

### Aniversários

Fazem anos, nos dias a seguir indicados, os ex.<sup>mos</sup> senhores e senhoras a quem *Ressurgimento* felicita pela passagem dos seus aniversários:

20 de Março — Engenheiro Maria Cardoso de Macedo e Meneses.

21 — D. Maria Benedita C. Meneses Almeida Campos.

23 — D. Margarida Braamcamp de Melo Breyner Cardoso de Meneses (Margaride), dr. António de Faria e Rodrigo José Castelo Branco e Távora.

### Mons. João Ribeiro

Tem experimentado sensíveis melhoras o nosso venerando e virtuoso arcepreste, Mons. João Ribeiro, cujo estado chegou a inspirar sérios cuidados. Todos os numerosos amigos que se habituaram a ver em sua rev.<sup>a</sup> o sacerdote digníssimo que não tem outra preocupação que não seja a de espalhar o bem e de cumprir zelosamente as obrigações do seu sagrado ministério receberão com alívio e prazer esta agradável notícia.

### Sociedade Martins Sarmiento

A sessão solene que no dia 9 do corrente se realizou nesta prestimosa Sociedade decorreu com brilho e animação invulgares. A sala nobre da Sociedade era pequena para conter a numerosa assistência e muitas das crianças que pretendiam assistir tiveram de ficar na rua.

Presidiu à sessão o ilustre adjunto do director Escolar, ladeado pelos srs. presidente da Câmara, arcepreste substituto, dr. Dias Pinheiro que representava o sr. reitor do Liceu, e major Mário Cardoso, prestigioso presidente da Sociedade Martins Sarmiento, que proferiu o discurso da abertura. Seguiu-se-lhe no uso da palavra o sr. presidente da Câmara e falou por último o sr. adjunto Escolar, que proferiu um substancioso discurso no qual focou a orientação da Escola no Estado Novo Português.

Fez-se depois a distribuição de prémios às crianças mais applicadas das escolas do concelho, algumas das quais recitaram interessantes poesias.

Nos intervalos fez-se ouvir um sexteto dirigido pelo sr. António Guise.

### Vida Escutista

A organização escutista no nosso concelho, onde começou há cerca de 15 anos, vai em incremento cada vez maior. Por todas as freguesias se nota grande interesse por esta obra altamente educativa e patriótica e são já muitos os grupos existentes nas freguesias rurais que se entregam às actividades escutistas. Para satisfazer as necessidades urgentes de orientação e unificação de trabalhos a Junta local entrou num período de verdadeira actividade. Na sua última sessão realizada no passado dia 14 tomou conhecimento das inspecções effectuadas aos grupos de Roife, Ver-

mil e de Campelos. Também se tratou da participação no retiro que em Braga se realiza para dirigentes e seniores nos dias 28 do corrente a 1 de Abril.

Está já assegurada a comparência de 20 elementos d'este núcleo, esperando-se que este número seja muito ultrapassado.

### Falecimentos

Vitimado por uma congestão cerebral, quando se dirigia de automóvel para a sua freguesia, faleceu repentinamente o rev. padre Albino Lopes Cardoso, pároco da freguesia de Brito, onde era muito estimado.

A notícia do triste acontecimento, ocorrido no passado dia 12, espalhou-se rapidamente pela cidade onde o zeloso sacerdote contava numerosos amigos e provocou grande consternação.

O funeral realizou-se em Brito, no passado dia 14, com a presença de muitos sacerdotes do nosso concelho e de fora.

Os restos mortais do ministro do Senhor foram a sepultar na freguesia de Vermil, donde era natural.

*Ressurgimento* apresenta sentidos pésames à família enlutada e à freguesia de Brito.

—No passado dia 10, finou-se também no Senhor a virtuosa sr.<sup>a</sup> D. Angélica Baptista de Faria, que no meio vimaranense era muito conhecida pelos seus excelentes dotes de coração e pelo seu entranhado amor aos pobres, com os quais repartia larga e generosamente os seus de fortuna que Deus lhe confiara.

A sua morte foi por isso muito sentida e pranteada e o seu funeral que se effectuou na igreja de S. Francisco no dia 13 do corrente foi uma sentida manifestação de saúde e de homenagem à virtude.

Encorporaram-se no piedoso acto todas as associações católicas de que a extinta fazia parte, todas as instituições a que havia beneficiado, incluindo os escuteiros católicos da sua freguesia e elevado número de pessoas da maior representação social e muito povo.

A família enlutada e especialmente a sua ex.<sup>ma</sup> filha sr.<sup>a</sup> D. Maria Carolina Baptista de Faria, apresentamos os nossos sentidos pésames.

### Tear «Jacquard»

Compra-se um tear «Jacquard» de 1.200 agulhas e com pente de 1<sup>m</sup>,50 aproximadamente, uma urdideira de tambor e uma caneleira de 4 fusos, em perfeito estado de conservação.

Manuel de Sousa Oliveira — Urges — Guimarães, ou em Braga na Rua 5 de Outubro, n.º 80.

## As Feiras de Guimarães

## CARTAS SEM ENDEREÇO

## O significado da propaganda

## «OCIDENTE»

REVISTA PORTUGUESA MENSAL

Fundada em 1938

Sumário do n.º 23, de Março:

Lucien Dubech, «Occident»; (com dois fac-símiles). João de Castro Osório, «O valor da Poética»; Marcus Cleke, «Williers David»; Afonso de Castro, «Soneto de Outono»; Soneto de Neve; Soneto de Inverno; Pedro Homem de Melo, «Eternidade»; Miguel de Castro Cabral, «O Grito dos Zirros»; Alexandre Sarmiento, «Coisas e Almas do Sertão»; Mercedes de Castro Feijó, «Lettres de Suède»; A. L., «Humanismo e Classicismo em Frei Agostinho da Cruz»; Eduardo Brasão, «Alguns documentos da Biblioteca da Ajuda sobre a Restauração» (Continuação); Anselmo Braamcamp Freire, «Vida e Obras de Gil Vicente» (Continuação); Augusto da Costa, «Grandeza e miséria da Música»; Cecília Meireles, «Olhinhos de Gato» (Conclusão); Ribeiro Couto, «Realidade e Espírito do Brasil republicano».

*Crónicas:* — Rodrigues Cavalheiro, «Sob a Invocação de Clío»; Diogo de Macedo, «Notas de Arte»; Luiz Chaves, «Nos Domínios da Etnografia e do Folclore».

*Fins de página:* — De Frei Agostinho da Cruz; De Camões.

*Ilustrações:* — Muxiques da região de Monongue, Faustino José Rodrigues (?); Saúde, por Soares dos Reis; Santo Izidoro, por Teixeira Lopes; Retrato, por Mário Eloi, Vitral, por Almada Negreiros.

*Actividades Portuguesas no Estrangeiro:* — «Instituto de Cultura Portuguesa em Bruxelas».

*Bibliografia:* — Notas de E. N., A. do E. S., O. C. e A. P.

*Notas e Comentários — Vinhetas:* — De D. M., Alfredo Moraes e Correia Dias.

Reproduções off-set da Litografia Nacional — Pôrto.

## CASA DOS POBRES

Movimento durante o mês de Fevereiro de 1940

Subsídios em dinheiro para alimentação a 177 pobres, 4.077\$50; idem, para renda de casa a 169 pobres, 2.778\$50; idem, para transporte aos inválidos, 35\$00; pernoitaram no albergue, 264 pobres.

Barbearia — barbas, 170; cortes de cabelo, 97.

Balneário — Banhos, 258; idem com despolhamento 2.

Refeições fornecidas aos pobres: II.101; pão, 11.101; pratos, 871; vinho, 715.

Vestuário fornecido — Casacos, 2; calças, 2; camisas, 3; ceroulas, 1; saias, 3; blusas, 4; lenços, 3; aventais, 4; mantas, 1; vestidos, 2.

Cozinha económica — Refeições fornecidas aos operários: Sopas, 1.449; pão, 1.867; pratos, 2.671; vinho, 1.290; idem, para os presos da cadeia, completas, 1.166; idem, para os presos da esquadra, 76.

Lactário Municipal (anexo à Casa dos Pobres) — Crianças que transitaram de Janeiro, 33; admitidas, 6; terminaram, 3; consultas, 16; pesagens, 95; leite consumido, 631,5 litros; farinha consumida 8,5 quilos.

Donativos recebidos — Tribunal Judicial, 60\$00; coronel Duarte do Amaral Pinto de Freitas, 2\$50; D. Grácia das Dores, 50\$00; família de D. Maria Isabel Navarro Vaz de Nápoles Araújo, 500\$00;

No último número da *Revista de Guimarães* o nosso conterrâneo e prezado amigo, sr. Alberto Vieira Braga, publica um trabalho sobre «Feiras e Mercados» que, pelo seu notório mérito e pelas suas criteriosas sugestões, bem merece algumas palavras de referência. Depois de definir os aspectos histórico, económico e etnográfico das feiras e descrever a sua evolução desde o século XII ao XIX, o ilustre etnógrafo declara, e com razão, que as feiras e todos os mercados de Guimarães «perderam em graça e em brilho pela dispersidade em que os dividiram».

Para remediar esta dispersidade A. V. Braga sugere a compra, por utilidade pública, do «vasto e espreado campo chamado Sameiro, que pertence ao casal do Proposto e fica a seguir à Praça do Mercado». «Depois, um amplo escadório podia comunicar do primeiro plano da praça ao segundo plano do campo, e uma ampla entrada se lhe faria do lado da nova Avenida dos Pombais, para a entrada do gado.»

«Esta compra vinha enriquecer os bens do município, e a Praça do Mercado estender-se-ia numa grandeza a poder albergar, nos dois planos, todos os feiotes que andam a desfeiar a cidade e a prejudicar o incremento dos nossos mercados semanais.»

Além deste alvitre tendente a reunir num só mercado, amplo e movimentado, os feiotes espalhados pelos largos da cidade, A. V. Braga propõe também algumas medidas de protecção municipal capazes de fomentarem o comércio do gado e desenvolverem o cultivo do linho.

«Daria então o município entrada a todo o gado que viesse à feira, cobrando meia maquia dos 1\$300 reis por junta que hoje se paga.»

«E não cobraria bilhete às vendedoras de linho em fevra, ou em fio, incitando dêste jeito ao cultivo de um produto essencial ao lavrador e à economia doméstica.»

«Julgamos bem que tais favoresas do município fariam pouco e pouco crescer e alargar os mercados definhados de hoje, que vão amortecendo o pequeno comércio.»

Eis as criteriosas sugestões do distinto etnógrafo.

Reproduzindo-as, espalhando-as, e aplaudindo-as, julgamos contribuir para o desenvolvimento dum ideia cuja concretização poria cobro às nossas desmanteladas feiras e em parte avolumaria as transacções dos nossos mercados semanais.

## Associação H. dos Bombeiros Voluntários

Tenho a honra de convidar os ex.ºs sócios a reunirem-se em Assembleia Geral no dia 24 do corrente, pelas 9,30 horas, a fim de dar cumprimento aos Estatutos: Prestação de Contas e Eleição da Direcção.

Se não comparecer número legal de sócios fica a mesma transferida para o dia 25 do corrente, à mesma hora, sem novo aviso.

Guimarães, 14 de Março de 1940.

O Presidente,

Augusto de Castro Ferreira da Cunha.

## Lêde e propagai

## "Ressurgimento"

Meu Caro:

*Desde que a tua excessiva modéstia pôs cõbro àquelas «traíçozezinhas» que os teus preclaros colaboradores, numa justa consagração de apreço pelas tuas qualidades, ousavam cometer, publicando, no dia do teu aniversário, a tua fotografia numa «pose» de profunda concentração intelectual, desde êsse dia, confesso, perdi a data do teu aniversário, que tanto me aprazia ter presente, para louvar e enaltecer, na hora própria, as tuas omnímodas apetidades jornalísticas.*

*Efectivamente, na tua carreira jornalística conseguiste, graças a um progressivo anseio de perfeição, descobrir, tanto no que diz respeito à forma como à ideia, o segredo redactorial das notícias.*

*Só estes triunfos justificam a homenagem daquela fotografia em que tu pontificas no meio dos teus colaboradores. Todo me embevecia a contemplá-la sempre que visitava a tua redacção. Tu, ao centro, és astro de primeira grandeza a irradiar luz em todos os sentidos.*

*Para mim, porém, o teu triunfo máximo nas lides jornalísticas reside no acto de contrição — expresso no concurso que hoje te prestam — de muitos daqueles que tu em tempos bem recentes justiceiramente flagelaste com a tua pena castigada e tersa.*

*Sinto tentações de reproduzir, para gáudio de todos, as expressões com que os mimoseaste.*

*E tal foi o teu poder de dialéctica que até convenceste, persuadiste, enfeitaste os próprios feioteiros.*

*Tanto os sacudiste, com a tua pena apurada, que os homens tiveram de, em face das verdades das tuas farpas, submeter-se ao teu mando. Ei-los agora atrelados à tua augusta empresa, sempre prontos e serviçais com a sua colaboradora prosa.*

*Na tua invulnerabilidade às vãs seduções, aos levianos apelos, aos feitiços, cifra-se a tua vitória sobre os próprios feioteiros. Continua pois, Meu Caro, sem desfalecimento, nem tibiezas, logo que a oportunidade surja, a castigar os feioteiros, porque desta arte, mais os ligas, os unes, os enfeitaste à tua obra.*

*Conta pois com a sua amnésia e a sua dobléz, e avante.*

Teu  
Zé Luís.

## Sindicato dos Operários Textéis

Sob a presidência do sr. Manuel Magalhães e com a presença dos srs. Francisco Gomes Alves Ferreira e Manuel de Araújo, reuniu, no dia 6 do corrente, pelas 19 horas, a direcção do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, com sede em Guimarães.

Depois de lida a acta da sessão anterior, que foi aprovada, deu-se despacho a diverso expediente recebido.

Em seguida, o sr. presidente, pretendendo facilitar aos sindicalizados e suas famílias, as consultas médicas a cargo dêste Organismo Corporativo, pois é seu desejo que as mesmas sejam dadas, nos dias úteis, depois daqueles terminarem os trabalhos profissionais, sugeriu aos colegas da direcção a necessidade de criar-se, dentro da respectiva sede, devi-

Fundou-se o nosso jornal para difundir no nosso meio as doutrinas do Estado Novo e mostrar aos vimaranenses, dentro do mais acendrado amor à verdade, as grandes realizações que, sob a égide de Salazar, o Estado Português tem levado a cabo. Cremos ter cumprido o nosso dever em perfeita harmonia com os desejos do Chefe, e não tendo incorrido em qualquer dos defeitos que êle indicou nas palavras que vamos transcrever.

«Entendamo-nos primeiro sobre o significado ou conteúdo da propaganda que se encontra na base de toda a actividade política.

Muitos a confundirão com uma espécie de máquina de elogios, sistemáticos e banais, aos homens e às cousas, donde foi banido o sentido das proporções e as exigências da verdade. Ainda que aos homens devotados à causa pública se não possa negar a justiça devida a todos nem o conforto do apreço geral, se o merece, por sua competência e trabalhos, em boa verdade não é só louvável a propaganda.

Muitos outros ajuizarão dela ser como poderoso veículo que rola pelas estradas da vida social a converter o dinheiro da Nação em pó e barulho — barulho para que se não ouçam as queixas, os protestos, as vozes a clamar justiça, pó para que os olhos não vejam as insuficiências, as misérias, os favoritismos ou a corrupção do Poder. E embora certa exaltação dos sentidos e dos espíritos seja necessária à formação de ambientes hiróicos e aos sobre-humanos esforços tantas vezes exigidos às Nações para viver, ou até para morrer bem, não é de facto só embriagá-las a propaganda.

Alguns ainda considerarão a propaganda como o instrumento subtil que, recolhendo todos os contributos da ciência e da arte, todas as fascinações da vida, todas as perversões dos sentidos, todas as fraquezas da alma humana, transmuda as côres, desfigura os factos, inverte o sentido dos movimentos, faz do atropelo razão e da violência justiça, inventa uma história, formula um direito, cria uma verdade, tam clara, tam incisiva, tam evidente, que todos a não-de julgar verdadeira. E embora, também o ódio que cegamente nos acusa, seja o corvo branco e o cisne negro, segundo a imagem de Vieira, não é isso para nós a propaganda.

O que é, pois?  
Sempre que abordei êste assunto, tenho ligado a propaganda à educação política do povo português e lhe tenho atribuído duas funções — informação primeiro, formação política depois.

damente condigno, o consultório médico.

A sugestão exposta, mereceu verdadeiros aplausos, ficando resolvido, oportunamente, fazer-se a aquisição dos acessórios destinados àquele fim.

O vogal-tesoureiro apresentou o «Balancete» extraído do livro-caixa, referente ao mês de Fevereiro findo.

Por último, foram colocadas na mesa 100 inscrições de novos sócios, as quais, informadas, tiveram a sua aprovação.

Não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão, crêca das 20 horas.

# Castelo de Guimarães Santuário Nacional

III

Têm estes artigos, como já se viu, a preocupação de patentear a quem os leia — o amor dos vimaranenses pelos seus principais monumentos.

Já se viu como, por vezes, vimaranenses *isolados, sem representação oficial*, têm agredido este respeito cívico por tais monumentos, destacadamente o Castelo.

A estulta pretensão de 1829 referida no anterior artigo, teve imitadores, mais tarde, em 1836.

Se a primeira trazia consigo a *idea dum negócio*, a segunda parecia envolver-se num *propósito político*.

Uma *Sociedade Patriótica Vimaranense* fundada entre nós depois do triunfo da causa de D. Pedro, em 1836, discutindo em uma das suas agitadas assembleas sobre o magno problema de se fazerem as calçadas da Vila, ouviu erguer-se uma voz — *para que se pedisse ao Governo a pedra do Castelo, destinada a tal fim*.

E este *bairrista dos quatro costados* (1) clamou em abôno da sua mirabolante *idea*: — *que, demais a mais o Castelo havia sido prisão de partidários da liberal constituição*.

Pois senhores: semelhante disparate não logrou comover os seus próprios correligionários — *que votaram contra este voto, aproveitando o ensejo para evocarem a história esplendente do Castelo e requererem para êle o respeito que devia merecer uma relíquia veneranda que tanta honra faz a Guimarães*.

Alexandre Herculano que houve conhecimento dêste episódio passado numa assemblea da *Sociedade Patriótica Vimaranense*, escreveu estes acerbos comentários:

— ... «*Fôra necessário que se entendesse, enfim, que qualquer monumento histórico não pertence ao município dentro de cujo território jaz; mas que pertence à nação toda; porque nem a mão poderosa que o fez erguer, regia só esse município; nem as somas que ali se dispenderam foram tiradas só dêle; nem a história que requer para documentos essas pedras, é a história de uma vila ou cidade única; mas sim a de um povo inteiro.*»

Surge agora o ferro em brasa:

«*Se, por exemplo, aos habitantes de Guimarães não importa perderem os testemunhos perenes de que a sua vila foi a primeira cabeça do reino; se não lhes importa que os estrangeiros, sabendo pelos livros, que ela o foi, vá examinar os monumentos que os mesmos livros dizem aí existir, e que achando-os convertidos em pavimento de calçadas, fuja espavorido temendo alguma frechada ou azagaiada como se estivesse nas solidões da América; se não curam da própria glória e honra... ao menos que as autoridades supremas não dêem documento ao mundo de igual ignorância e barbarie...»*

(*Bol. do Trab. Ind., Rel. de Luciano Cordeiro, 1876-Bib. do Porto 1-A-13*).

Não merecia a terra de Guimarães as indignadas palavras, o vigo-

roso protesto do insigne historiador português. A voz que no seio da *Sociedade Patriótica Vimaranense*, em 1839, se ergueu para lembrar que se pedisse ao Governo a pedra do Castelo para com ela se calçarem as ruas da, então, vila, não a representava, não tinha poderes para a representar. Exprimia, apenas, um voto, uma vontade, uma opinião. Mas, isolada ou não, pouco importa. Onde quer um disparate, encontra quem o aplauda.

*Ainda em 1915, um cidadão com voto na Câmara, sugeria aos seus colegas da Vereação o aproveitamento da pedra do Castelo para um bairro operário!*

E este parecer se foi convertido em proposta, tal proposta não teve sequer as honras de ser admitida, votada, nem registada em acta!

Foi prudentemente — *abafada*.

Outro tanto sucedera ao voto do energúmeno que, em 1839, suspirava pela aplicação da pedra do Castelo nas calçadas das ruas.

Fazendo, pois, um somatório crítico, concluímos pelas seguintes efemérides históricas:

1666 — Os frades Capuchos querem a pedra dos Paços Duquais para com ela fazerem o seu convento; mas Guimarães, pela voz da nobreza e do povo, evita esse crime.

1829 — O negociante Custódio quer negociar a pedra da torre de menagem do Castelo; mas, desacompanhado do voto dos seus conterrâneos, não alcança do rei o seu negregado sonho.

1836 — Um cidadão Costa lembra-se de propor numa assemblea de bairristas esturrados, que se peça a pedra do Castelo para com ela se calçarem as ruas da vila; mas o seu voto foi combatido, em nome do prestígio de Guimarães, não chegando ao Governo.

1915 — Finalmente, um Manuel Ferreira esboça o desejo de ver utilizada a pedra do Castelo em um bairro operário; mas, foi tam infeliz o seu cometimento, que nem sequer saiu a lume no sumário da sessão municipal.

... E continua.

V.

## HOMENAGEM A PORTUGAL

Foram tornados públicos quasi ao mesmo tempo estes dois factos que bem testemunham o prestígio de Portugal no mundo e o reconhecimento pela nossa acção civilizadora: o governo de Madrastra (Índia Inglesa), resolveu adquirir uma porção de terreno em Kappakadava, a 12 milhas de Calicut, onde Vasco da Gama desembarcou primeiramente. Nesse local será inaugurado um monumento ao grande navegador. Por outro lado, a União Sul-Africana vai oferecer a Portugal, comemorando as festas centenárias, uma reprodução do padrão de Bartolomeu Dias, cuja descoberta, identificação e reconstrução se devem a um jovem estudioso, Axelson, subsidiado pela Universidade de Joanesburgo. O governo sul-africano, que

# Carta de Lisboa

(Atrasada na Redacção)

O acontecimento dominante da semana foi, como é natural, o notabilíssimo discurso do Senhor Presidente do Conselho, proferido na Sala do Conselho de Estado às Comissões da União Nacional de Lisboa. Grande e memorável documento político, esse, em que Salazar aponta a todos os *portugueses de bem* o único, o irredutível caminho a seguir, dentro daquela serena Verdade, que chamamos luminosa e intangível e de que o Estado Novo, em boa hora, se fez perfeita encarnação jurídica.

O Chefe não segue o enfático princípio do *obedece, porque o quero*, num totalitarismo de autoridade, que leria o seu quê de inadaptável às circunstâncias do nosso meio psicológico e às condições da nossa formação cristã. Longe disso. Começa — sempre o tem feito — por informar sobre o plano doutrinário do que se pretende, para que se atinja na prática os superiores objectivos do seu pensamento essencialmente nacional. E só depois solta a voz de comando, em que a própria ênfase da ordem é, as mais das vezes, abafada, pelo tom do seu sábio e persuasivo conselho. Pelo menos, assim o sentimos — e muito sinceramente.

O fecho do memorável discurso confirma sobejamente a nossa opinião, sobretudo naquele passo em que nos insufla fortes doses de *fé* e de *coragem*, como sendo as grandes e indispensáveis alavancas da Vitória:

— «*Fé nos princípios e nos homens — ensina-nos o Mestre. — Nos princípios que estão na base da Revolução Nacional e por força dos quais se pôde operar o renascimento dêste País; e nos homens em cada momento escolhidos para os executar e fazer viver. Fé nos princípios que substanciam a alma, tradições e aspirações da Nação Portuguesa, e não podemos por isso, no que têm de mais sagrado, nem postergar nem pôr em discussão; fé nos homens cuja obra os acredite, cujo passado os imponha, cujo sacrifício e honra podem dispensar o reconhecimento, mas não podem dispensar a justiça. E é também precisa coragem — a coragem do que se pensa, do que se pretende, do que se realiza. Que importa que as nossas ideias choquem o pensar cristalizado no espí-*

rito de alguns, se é em nome delas que governamos, se para executá-las somos Poder? Buscamos resolver os problemas da Nação com os nossos conceitos de autoridade, hierarquia, ordem, liberdade, trabalho, riqueza, tradição, honestidade: como estranhar que façamos o que outros pretendiam que não fizessemos e não façamos o que esses achariam melhor?»

\*

Também António Ferro realizou há oito dias um oportuno e substancioso discurso, a fim de elucidar todos os representantes das comissões municipais e juntas de turismo do país reunidas no Secretariado da Propaganda Nacional, sobre o novo plano de trabalhos que interessa directamente áquelas entidades e vai muito em breve ser pôsto em prática pelo mesmo organismo.

António Ferro atacou o complexo problema de turismo, que o Estado Novo *não descara, nem sequer ignora*, e afirmou que «*está directa ou indirectamente ligado a todos os problemas nacionais, contórno indispensável da nossa renovação, seu necessário acabamento*».

Esta simples frase, de tam largo alcance, tanto mais partindo do brilhante e conhecido homem de acção, que é o director do S. P. N., dá-nos a garantia do êxito seguro da iniciativa, tal como êle a concebeu e pretende levar a efeito.

\*

O dia de hoje, sábado, é assinalado por uma simpática nota digna de todo o relêvo: por especial determinação do Ministério da Educação Nacional, consagra-se este dia às *crianças finlandezas*, por meio de sessões organizadas nas escolas de ensino particular e que se destinam a exaltar o heroísmo da Finlândia e o martírio da sua juventude, pelo espantoso cataclismo comunista.

Paralelamente a tais cerimónias, proceder-se-á a uma subscrição em favor das ditas crianças, distribuindo o Commissariado Nacional da «*Mocidade Portuguesa*» uma fôlha solta, na qual se assevera a *inteira solidariedade moral da infância e da Mocidade de Portugal com a infância martirizada da Finlândia*.

\*

A' hora a que escrevemos estas linhas, todo o mundo católico celebra o 64.º aniversário de Sua Santidade Pio XII que, precisamente há um ano, foi elevado ao supremo cargo da Igreja. Beijamos humildemente o anel do Sumo Pontífice, desejando-lhe vida e felicidade «*ad multos annos*». Pio XII é bem a grande Figura do mais alto prestígio e autoridade espiritual que domina o mundo de hoje e a única capaz de se fazer ouvir pelas consciências, entre o troar da metralha.

Lisboa, 2-3-940

Z. DE M. F.